

## Um novo sindicalismo

UM GRUPO de dirigentes sindicais está se lançando numa cruzada: a reforma total do movimento trabalhista no Brasil. Empreitada tão difícil quanto meritória.

EM PARTE, ela exige a liquidação de um vício de origem: o atrelamento das entidades sindicais ao Estado, que tem sua expressão mais visível no Imposto Sindical. Caberá à Assembléia Constituinte, se tiver visão para tanto, extinguir a dependência oneratória, criada para atender aos objetivos de um Governo populista, que fazia da manipulação de "pelegos" um de seus principais instrumentos de sustentação.

MAS O mais importante é a redefinição, que obrigatoriamente deve vir de dentro para fora, do papel do sindicato na sociedade moderna que se busca criar no País.

O SINDICATO é legítimo, e portanto serve aos interesses de seus associados, quando tem como função maior representá-los, com firmeza e dignidade, no diálogo permanente entre Capital e Trabalho. Mas torna-se ilegítimo sempre que se deixa levar a reboque de causas político-partidárias.

ESSA DETURPAÇÃO é fruto da infiltração — antes clandestina, hoje escancarada — de militantes políticos no movimento, e tem sua principal expressão atual nas centrais sindicais CUT e CGT. Estas, ao tentarem unir sob um só comando as mais diversas categorias, só por isto se distanciam do que realmente deve ser um sindicato: a unificação serve às táticas partidárias e às estratégias ditas "revolucionárias", mas reduz ao mínimo a capacidade de ação de cada categoria na defesa de suas próprias reivindicações sindicais.

A ISTO se opõe o "sindicalismo de resultado", defendido por líderes conscientes como Luís Antônio de Medeiros, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, e Antônio Rogério Magni, do Sindicato dos Eletricitários, ambos de São Paulo. Ao contrário dos dirigentes das centrais, a sua estratégia face ao empresariado parte da constatação de interesses comuns. Estes podem ser resumidos num princípio simples: a prosperidade serve a todos; o empobrecimento faz suas primeiras vítimas na classe dos trabalhadores.

EM TERMOS táticos, essa postura não exclui a discordância e o confronto — válidos enquanto não permitirem, aos interlocutores de ambos os lados, perder de vista o quadro geral de sua convivência.

É O QUE fica bem claro nas palavras de Medeiros: "Nesse agrupamento é primeiro-mundista, progressista e moderno. Não aceitamos a miséria, não endossamos a miséria como os que têm a visão leninista de usar o sindicato para a revolução. Queremos o desenvolvimento, e o mais original disso é que vamos defender a construção de um capitalismo moderno e forte num país tropical."

ESSE MOVIMENTO sindical não busca aliados no meio empresarial — antes de mais nada, porque qualquer forma de aliança também constituiria uma deturpação.

MAS É necessário que, de seu lado e por conta própria, o empresário brasileiro também reconheça o quanto lhe serve, e ao País, um sindicalismo forte e buscando como objetivos prioritários o bem-estar e a prosperidade individual dos trabalhadores, tendo como instrumento "a construção de um capitalismo moderno".